

Diario da Assembléa

DO ESTADO DE SERGIPE

ANNO I — Domingo, 10 de Novembro de 1935 — NUM. 73

PODER LEGISLATIVO

Acta da 48ª sessão ordinaria da 1ª legislatura da Assembléa Legislativa do Estado de Sergipe, em Aracaju, 8 de Novembro de 1935

Presidente — *Pedro Diniz*.

Secretarios — *Carvalho Barroso e Luiz Garcia*

Presentes os deputados Pedro Diniz, Carvalho Barroso, Luiz Garcia, Pedro Amado, Nelson Garcez, Gentil Tavares, Lacerda Filho, Carvalho Netto, Manoel Nabuco, Adroaldo Campos, Octavio Aragão, Quintina Diniz, Alfredo Leite, José Ribeiro, Luiz Simões, Edgard Britto, Annunciato Santos e Edgard Ferreira (18, e ausentes os deputados Orlando Ribeiro, Rodrigues Doria, Leite Netto, Manoel Nobre, Esperidião Noronha, Nyceu Dantas, Carlos Corrêa, Theophilo Barretto, José Sebrão, Manoel Rollemberg, Miguel Barbosa, Arnaldo Garcez, Othoniel Doria, Moacyr Sobral, Aldebrando Franco e Julio Barretto, havendo numero legal, o presidente abriu a sessão.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

Constou da leitura de um requerimento do sr. Antonio do Prado Franco, pedindo approvação de bases que apresenta, em addição ao contracto que tem com o Estado para exploração do Matadouro Modelo.

O deputado Carvalho Barroso pediu a palavra para assinalar que o projecto de resolução n. 1 havia sido publicado hoje com o parecer da Comissão Executiva e distribuido em avulso entre os srs. deputados.

O deputado Lacerda Filho lê e envia á Mesa um requerimento, solicitando urgencia para o projecto n. 17. O presidente declarou que ficava sobre a Mesa aguardando o parecer da Comissão competente.

O deputado Gentil Tavares leu o parecer da Comissão de Finanças a respeito do projecto de fixação da força.

Com a palavra, o deputado Alfredo Leite fez comentarios ao parecer alludido.

Em seguida, passou-se á ordem do dia, para a qual não houve materia.

O presidente levantou, então, a sessão, dando para a ordem do dia da sessão seguinte, trabalhos de comissão e o que occorrer.

Sala das Sessões da Assembléa Legislativa de Sergipe, em Aracaju, 9 de Novembro de 1935.

aa) *Pedro Diniz Gonçalves Filho*, presidente.

Luiz Garcia, 1º secretario.

Francisco Leite Netto, 2º secretario.

Está conforme.

Secretaria da Assembléa Legislativa do Estado de Sergipe, em Aracaju, 9 de Novembro de 1935.

a) *Nelson Tavares do Motta*,

director.

Boletim do dia 9

Presidente — *Pedro Diniz*

Secretarios — *Luiz Garcia e Leite Netto*

A' hora regimental, presentes os deputados Pedro Diniz, Luiz Garcia, Pedro Amado, Leite Netto, Nelson Garcez, Gentil Tavares, Carvalho Netto, Manoel Nabuco, Theophilo Barretto, Octavio Aragão, Quintina Diniz, José Ribeiro, Annunciato Santos e Edgard Ferreira (14) e ausentes os deputados Carvalho Barroso, Orlando Ribeiro, Rodrigues Doria, Manoel Nobre, Lacerda Filho, Esperidião Noronha, Nyceu Dantas, Carlos Corrêa, José Sebrão, Manoel Rollemberg, Adroaldo Campos, Miguel Barbosa, Arnaldo Garcez, Othoniel Doria, Alfredo Leite, Luiz Simões, Moacyr Sobral, Edgard Britto, Aldebrando Franco e Julio Barretto, havendo numero legal, o presidente declarou aberta a sessão, convidando o deputado Leite Netto, para servir como 2º secretario.

Lida e aprovada a acta da sessão.

Com a palavra, o deputado Carvalho Netto pede que seja feita uma rectificação na acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

Constou da leitura de um officio do commandante interino da Força Publica, communicando a sua posse no referido cargo.

Foram lidos os pareceres da Comissão de Finanças referentes á proposta da Córte de Appellação sobre vencimentos dos funcionarios da respectiva secretaria e sobre o projecto n. 9, concedendo subvenção á Associação Sergipana de Imprensa.

Em seguida, usou da palavra o deputado Carvalho Netto, que focalizou a situação precaria da barra do Cotínguiaba que necessita de ser melhorada, sob pena de graves prejuizos para o porto de Aracaju. Neste sentido justificou um telegramma a ser endereçado ao Presidente da Republica e Ministros da Fazenda e Viação, solicitando providencias. Falou o deputado Luiz Garcia, que reclamou contra a interrupção pela Imprensa Official da publicação do parecer da Comissão de Finanças, alterando assim a ordem das publicações.

ORDEM DO DIA

Não havendo numero nem materia para discussão e votação, o presidente levantou a sessão, dando para ordem do dia da sessão seguinte, trabalhos de comissão e o que occorrer.

Apanhamento tachygraphico dos trabalhos da sessão de 6 do corrente.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Peço a palavra, sr. presidente.

O Sr. presidente. — Tem a palavra o sr. Annunciato Santos.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Sr. presidente: Venho, desta Casa, citar alguns trechos referentes ao movimento do proletariado, em signal de protesto pacifico para um bem almejado e uma melhoria de condições de vida.

Como o sr. presidente bem sabe e todos desta Casa, o movimento operario em Sergipe foi um movimento em que os proletarios, unidos em uma santa alliança, em um apogeu de solidariedade, procuraram minorar as miserias de sua vida.

Sr. presidente, o operariado de Sergipe, estando em má situação, pediu aos poderosos, aos potentados, mais um pedacinho de pão para custear as suas despesas, para poder amanhã dar aos seus filhinhos uma educação melhor. Entretanto, sr. presidente, os operarios do Brasil, quando pedem um pedaço de pão...

O sr. Gentil Tavares. — Recebem um pedaço de páu.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS... — recebem um pedaço de páu, como bem disse o nobre collega deputado Gentil Tavares e até mais, apresentam-lhes ainda bayonetás.

Os homens de mãos calejadas, mesmo pedindo, nada conseguem, e para demonstrar ao publico, em signal de solidariedade, ficaram elles de braços cruzados para mostrar aos potêntados que sem os homens trabalhadores toda a humanidade soffrerá.

Entretanto, sr. presidente, os operarios voltaram todos ao trabalho, mas os patrões não os acceitaram. Isto eu considero como uma miseria dentro do Estado de Sergipe. Os homens não têm consciencia, porque, sr. presidente, si tivessem, não faziam isso. Como passa um pobre operario ganhando 2\$000 e 2\$500, si elle têm familia, tem filhos também e precisa viver como os outros?

E como se pode passar num estado de miseria deste, com homens sem coração como esses? Vivendo pelas sargetas, pedindo pão, sr. presidente.

Entretanto, na mocidade o operario trabalha, porem na velhice, não podendo mais trabalhar, elle fica passando necessidade, esmolando até.

Na qualidade de deputado classista, lamento as condições dos trabalhadores de Sergipe, cujos esforços fazem a riqueza do Estado e não são olhados com sympathia pelos que aproveitam o seu trabalho, salvo algumas excepções.

Chamam-n'os de canalhas, de gente atôa, dessas cousas todas. Os trabalhadores é que trazem de pé a riqueza. Todo mundo sabe muito bem disso. Quando elles não querem mais trabalhar, vão para as suas casas descansar, mesmo passando as necessidades acostumadas, porque o ordenado não dá para custear as suas despesas, mas, com a sua ausencia, os proprios patrões sentem a falta dos seus serviços, o que prova que a riqueza por si só nada vale. E' preciso uma conciliação, uma forma socialista entre o trabalhador e o capital. Este não pode viver absolutamente sem o trabalho, como também o trabalho não pode viver sem o capital. São dois irmãos gemeos.

Estariam, pois, senadas todas as contrariedades do povo de Sergipe, estariam num estado de igualdade entre o trabalho e o capital, estado de sympathia em que os trabalhadores olhariam com bons olhos para os patrões e

estes para os empregados, formandó como uma só familia.

Entretanto, os proprietarios não querem saber disso. Passam por cima das leis e os proletarios soffrem.

Ora, sr. presidente, os syndicatos dos medicos, em que elles pleitearam um augmento de cento por cento para os seus salarios, encontrou a adhesão de todos, passando a consulta a 20\$000 e os operarios morrem sem uma receita, sem um consulta, porque não podem pagar esse dinheiro. No emtanto, sr. presidente, não houve promessa de deportação, não houve ameaça para os medicos. Todos ficaram de accordo só pelo simples facto de serem todos ricos.

O sr. Alfredo Leite. — O operariado de Sergipe, em qualquer propriedade que trabalhe, tem assistencia medica. V. excia. poderá dizer qual o proprietario que não dá remedio aos empregados.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Não tenho conhecimento dessa assistencia.

O sr. Alfredo Leite. — Sobre a tabella que v. excia. citou, é preciso convir que a classe medica precisa estudar e não trabalhar nas outras funcções a que o operario se dedica.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Logo, vossa excia. acaba de me ajudar. No seu aparte diz que estão unidas as duas qualidades no operario. Si quem estuda sciencia tem um bom ordenado, o operario manual deverá ter também um bom ordenado, pois como os medicos o operario tem familia e os generos de primeira necessidade custam o mesmo preço para elle. Pois o operario é quem pode passar mal?

O sr. Alfredo Leite. — Em Sergipe ha casos de operarios que começaram em funcções pequenas e hoje são ricos.

O sr. Adroaldo Campos. — Esses tinham sorte de mais, não era, meu collega?

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — A riqueza de Sergipe é toda constituída pelos braços dos operarios desde 1889, no emtanto os proletarios vivem miseravelmente pela falta de consciencia dos mesmos capitalistas. Vós, moço, amanhã podereis ser o dirigente de Sergipe e ainda tem esta mentalidade, de que os operarios devem viver nessa miseria. Então elles são filhos de Deus, ou são filhos do diabo?

Agora, v. excia. estaria commigo e eu com v. excia., si v. excia. gritasse em bem dos proletarios, porque, naturalmente, v. excia. seria sympatisado por elles.

Os estudiosos de hoje poderão ser os dirigentes de amanhã.

Entretanto, sr. presidente, a lei dá o direito, nos seus arts. 120 e 121 da Constituição Brasileira. Esta lei, sendo escripta por grandes mentalidades, si fosse cumprida, seria uma lei basica dentro das leis socialistas do Paiz.

Mas a lei não é cumprida, não é respeitada em parte alguma.

O sr. Alfredo Leite. — Não apoiado.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — V. excia só pode defender, porque tem interesse. O nosso movimento foi um movimento pacifico, mas substituíram o trabalho dos trapicheiros pelos indios da maloca, assim como chama a burguezia. Isto é uma miseria, sr. presidente. Meninos de 14 annos substituindo homens syndicalizados, e isto contra a lei de trabalho, que prohibe a acceitação de menores para esses serviços.

Pois bem, sr. presidente, os trabalhadores voltaram ao trabalho, por uma combinação com o Governador, que prometeu empregar os seus bons officios a seu favor.

Entretanto, os trapicheiros voltaram mas o sr. Carlos

Cruz disse que não daria mais a elles aquelle resto de trabalho, e sim aos maloqueiros. O syndicato é autonomo.

O sr. Alfredo Leite. — Os syndicatos não têm privilegio. Porque os syndicalizados não estão trabalhando no Sapé? Porque a commissão achou que os operarios dalli tinham o mesmo direito dos syndicalizados.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Si as leis fossem cumpridas, no Sapé, haveria homens syndicalizados.

O sr. Alfredo Leite. — V. excia. cite um dispositivo de lei que dê privilegio aos syndicalizados.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Os operarios têm causa justificada. Entretanto, sr. presidente, os trapicheiros foram substituidos, como disse, pelos indios da maloca. E' lamentavel que os indios continuem alli trabalhando, porque, como dizem as autoridades, elles são homens ladrões, e como se pode ter num serviço homens ganunos?

O sr. Alfredo Leite. — V. excia., como representante da classe proletaria, poderia defender todos e não só os syndicalizados.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Defendo todos, mas é preferivel defender os syndicalizados. Imagine, sr. presidente, que tem até homens de 80 cadeias trabalhando, conforme me disse s. excia.

O sr. Adroaldo Campos. — Mas v. excia. sabe que o trabalho é um meio de regeneração.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Bois bern. Eu me bato dentro da lei e é por isso que fallo de peito erguido. Houve esse movimento e não foi registado um só incidente.

O sr. Alfredo Leite. — V. excia. está defendendo os operarios syndicalizados e não os operarios de Sergipe, num sentido geral. V. excia. mostre o privilegio que tem um sobre o outro.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Amanhã trarei. Entretanto, sr. presidente, por isto ou por aquillo, não quero eu dizer que fosse a policia ou o integralismo, mas o facto é que penetraram hontem na typographia do Centro Operario e levaram tres peças de importancia, impedindo o funcionamento das machinas.

Si fosse numia casa commercial, pertencente á burguezia, eram tomadas logo providencias a respeito. Mas até agora nada se resolveu ainda. Já está com 24 horas.

O sr. Alfredo Leite. — Mas o inquerito dá direito a 10 dias de prazo.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Estou solidario com v. excia. neste caso. Pensei que eram somente 24 horas. Não foi tomada ainda nenhuma providencia, nem a policia foi garantir, estando a redacção de portas abertas á espera de garantia.

Ainda ha outro caso. A lei dá direito á indemnisação deste ou daquelle operario que soffrer accidente no traba-

lho. No emtanto, ha mais de um mez, segundo me parece, na Penitenciaria, dois senhores, tirando pedras nas pedreiras para serviço daquelle casa, soffreram grande accidente, e até hoje não trataram ainda da lei de accidente desses homens.

O sr. Adroaldo Campos. — Mas isto é com a Justiça.

O sr. Gentil Tavares. — Pois elle está reclamando é da Justiça.

O sr. Luiz Garcia. — Eu acho que cabe é á Policia.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Já ouviram?

Eu, como já disse, aqui, estou, nesta Casa, aprendendo. E' um meio adiantado e com seis mezes eu mesmo darei todos esses apartes, com o auxilio dos meus collegas. Deve declarar que a minha pessoa não está aqui para servir de peteca nas votações. Não virei votar, prejudicando a mim mesmo, porque podem falar numa linguagem muito fina; e eu votar sem saber direito de que se tratou. Nas minhas reclamações justas, nos meus projectos, eu tenho contado sempre com a minoria. Os senhores da maioria não me dão apoio em beneficio dos operarios e querem conta commigo, com a minha ingenuidade.

O sr. Adroaldo Campos. — O que v. excia. não é, ingenuo.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Vv. excias querem da minha pessoa unicamente o voto, mas eu sou positivista, já comprehendí que estou servindo de fiel da balança ao lado dos que protegeram os operarios. Não fi compromisso politico nenhum, tambem jamais darei o meu voto a respeito de artigo a ou de artigo b. Não estarei aqui sentado somente para votar em projectos que não venham accudir ás necessidades dos trabalhadores, sendo os meus prejudicados.

O sr. Alfredo Leite. — Num requerimento de vossa excia. eu votei a favor.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — V. excia. votou e a maioria derrubou. E' por isso, sr. presidente, que eu venho declarar á Casa que, em debates politicos, quando houver todo esse fulgor de politica, eu não assistire porque a bem dos proletarios não vejo nada, só promessas. E promessas só as de Christo e assim mesmo nem todas hora valem.

Eu não assistirei as sessões, porque não tenho partido nenhum, não sou politico e no fim quem paga sempre é o pequenino. Si eu notar que vae ferir os operarios, ficarei até o fim, do contrario, não.

O sr. Gentil Tavares. — E' extranho que a Assembleia tenha desaprovado um requerimento de informação.

O SR. ANNUNCIATO SANTOS. — Eu não tenho partido, por isso ficarei solidario aqui, como espirito de justiça. Mas, por espirito de despeito, eu não serei nem de um, nem de outro. Onde estiverem a justiça e a defesa dos proletarios, justamente eu estarei ali, mas para s contra o proletario, não estarei.